



Paixão Incontrolável

Alexandre Santos

ALEXANDRE SANTOS

**PAIXÃO
INCONTROLÁVEL**



Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira de
Desenvolvimento Cultural.

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Jacinto Almeida

José Kameniecki

Caio Porto

Carlos Newton Júnior



O coração tem razões que a própria razão
desconhece

Aos apaixonados que precisam se esforçar
para conter os arroubos da paixão

ALEXANDRE SANTOS

PAIXÃO INCONTROLÁVEL

Introito

Este conto é baseado na notícia 'Detento em saída temporária invade casa e tenta estuprar mulher de 89 anos', originalmente publicada no jornal 'Folha de Ponta Grossa' em 25 de dezembro de 2025, sobre um episódio ocorrido bairro Vila Nunes, em Lorena, no interior de São Paulo, envolvendo um detento do sistema prisional, o qual, em saída temporária, tentou estuprar uma senhora de 89 anos.

Naturalmente, inserido no vasto campo da arte literária, o conto não reproduz a peça jornalística. De fato, embora baseado no fato da vida real, o texto literário 'Paixão incontrolável' relata aquilo que, segundo o autor, poderia ter acontecido ou como [o autor] gostaria que

tivesse acontecido, tomando o fato relatado na notícia apenas como uma vaga referência.

Para melhor situar o leitor, antes de apresentar o conto 'Paixão incontrolável', este opúsculo apresenta a notícia tal como foi veiculada pela mídia, possibilitando a comparação entre o texto jornalístico e o texto literário nele inspirado.

NOTÍCIA INSPIRADORA

Detento em saída temporária invade casa e tenta estuprar mulher de 89 anos

Um homem de 43 anos foi preso em flagrante na madrugada de quinta-feira (25), em Lorena, no interior de São Paulo, após invadir a casa de um casal de idosos e tentar abusar sexualmente da mulher, de 89

anos. Detento do sistema prisional, ele estava em saída temporária no momento do crime.

Segundo a Secretaria da Segurança Pública de São Paulo (SSP-SP), a invasão ocorreu em uma residência no bairro Vila Nunes. Armado com uma tesoura, o suspeito ameaçou o casal e passou a exigir dinheiro. Na sequência, tentou cometer abuso sexual contra a idosa.

Ao tentar proteger a esposa, o marido, de 90 anos, foi ferido com golpes da tesoura. Mesmo assim, os dois reagiram e entraram em luta corporal com o invasor. Durante o confronto, o idoso conseguiu afastar o agressor utilizando uma muleta. Após a resistência das vítimas, o homem fugiu sem levar dinheiro ou objetos da casa. A Polícia Militar foi acionada e o casal

encaminhado ao pronto-socorro para atendimento médico.

O CONTO

PAIXÃO INCONTROLÁVEL

Robson nunca foi bom sujeito. Desde sempre foi arruaceiro. Gostava de farra e, se dizendo macho alfa, não respeitava a mulher alheia. Não era sem razão, portanto, que, com frequência, se metia em confusões. Hematomas e nariz quebrado não eram coisas estranhas a ele.

Na realidade, Robson era um montão de problemas. Além de taras que conseguiu esconder durante muito tempo, não gostava de estudar, não gostava de trabalhar. Vivia de bicos e de pequenos

golpes. Não tinha comportamento que fizesse alguém o querer como genro.

O tempo passou e o levou para onde não podia deixar de levar. De fato, a soma das suas características associada às más companhias produziu um jeito de ser pouco recomendável. Destes que só se mantém dentro da lei se estiver contido pela polícia.

Na realidade, Robson era um ser muito 'errado' e, como todo pau-que-nasce-torto, recusou todas as chances que a vida lhe ofereceu e, de entrada em entrada nas delegacias, de contravenção em contravenção, de crime em crime, começou a passar mais tempo no xilindró do que solto pelas as ruas. E, seguiu assim até que um dia, condenado por algum dos muitos crimes cometidos ao longo da existência, se viu na condição de hóspede do Estado,

enfurnado na cela de uma penitenciária em Lorena, no interior de São Paulo.

Viveu, então, tempos no inferno.

Graças aos seus contatos no submundo, Robson conseguiu atravessar a vida no inferno sem maiores percalços - não lembrava ter sido agredido graciosamente ou ter tido o corpo violado. Em compensação, passou a maior parte daquele tempo sem ver mulher, a não ser nas poucas vezes que foi visitado por prostitutas da pior qualidade e, provavelmente, infectadas por alguma doença.

Robson sabia que, embora merecesse a pena que lhe fora aplicada, não viera ao mundo para sofrer tanto.

Depois de três anos, tomou conhecimento de que, finalmente, tendo em vista seu 'bom comportamento' (ele não

sabia qual) e por já ter cumprido o tempo mínimo necessário, passaria a desfrutar alguns refrigerios. Já estava em tempo. Na época, já era um homem de 43 anos e, sinceramente, convencido de que não tinha mais idade para mudar, não sabia se conseguiria viver a ‘vida de anjo’ que as autoridades queriam para ele. De qualquer forma, gostaria de tentar a ressocialização tão falada nas reuniões com a assistente social da cadeia.

E chegou o grande dia. Um dia de Natal.

Finalmente ganhara uma saída temporária e, por alguns momentos, deixaria de ver o sol nascer quadrado. Seria apenas um fim-de-semana, mas, mesmo assim, já era alguma coisa. E, com alguma emoção, ganhou a rua.

Aquela era a primeira vez que deixava a prisão depois de muito tempo. Havia muitas vontades e desejos represados. Saudades de casa, dos amigos, da conversa mole no bar, saudade muita coisa. Para fazer tudo o que gostaria e precisava fazer, precisaria muito mais tempo do que um único fim de semana. E, com justa razão, ao cruzar o umbral da penitenciária, se viu num grande dilema. O que deveria fazer? Ir para casa? Ir para um bar? Procurar alguma antiga namorada? No fim, embaralhado com tantas opções, foi levado pelo instinto carnal. Estava seco. Louco para ver uma mulher. Decidiu, então, não ir para casa.

Com o sexo na cabeça, andou a esmo pelas redondezas da penitenciária durante algum tempo até que, seguindo a bússola do destino, guiado por alguma

Estrela Dalva, chegou à Vila Nunes e, sem saber ao certo por onde andava, continuou a caminhada sem rumo. Já estava quase perdendo a esperança quando viu o sinal que tanto procurava: um vestido pendurado no varal estendido no quintal de uma casa. Os anjos devem ter mexido seus pauzinhos, pois, de imediato, uma luz faiscou com brilho tão intenso que turvou a visão de Robson. Naquele momento, como mágica imaginou a dona do vestido e foi imediatamente físgado por um Cupido maluco, se vendo perdidamente apaixonado. Uma paixão sem sentido, pois, sequer, tinha visto a mulher. Um observador mais perspicaz diria que, de fato, Robson apaixonara-se por um vestido.

De qualquer forma, tomado pela paixão, pouco ligando para aquilo que o mundo pudesse pensar dos seus

sentimentos, Robson resolveu invadir a casa em busca da mulher pela qual estava enfeitiçado.

Aquela atitude era tipificada no código penal como crime, diriam os advogados. E daí? Robson não iria deixar de lutar pela sua paixão em função de uma filigrana jurídica. Além do mais, comparada com as coisas que já fizera na vida, a invasão de uma casa em busca da mulher amada seria um crime menor e, as autoridades reconheceriam que não tivera como resistir à força arrebatadora do amor. O louco impulso da paixão seria apenas mais um crime na longa folha corrida a ele associada.

E, cego de paixão, exalando vontades por todos os poros, Robson invadiu a casa e, já se livrando das roupas que continham e escondiam o vigor do seu

amor, seguiu o faro até encontrar a fêmea irresistível no quarto. O primeiro encontro não foi exatamente como Robson esperava. Ela estava deitada e, ao lado, haviam um homem. Robson conteve a fúria. Era compreensível. Afinal de contas, até então a sua mulher não sabia da sua existência e, muito menos, do amor arrebatado que nutria por ela.

De qualquer forma, decidido a derramar o seu amor ali mesmo, tratou de expulsar o homem deitado ao lado da amada.

Horas mais tarde, Robson reconheceu que, de tão impactado pela visão da sua mulher em companhia de um estranho, deixou de ver e de ouvir com nitidez, especialmente as palavras gritadas por ela, muito menos pelo homem que ousava estar com ela. Com muito esforço,

controlou a vontade de matar o rival e apenas usou a violência necessária para tira-lo da cama (na qual esperava deitar em seguida) e expulsa-lo do quarto.

No fundo, Robson não compreendia a resistência da mulher e, muito menos, a reação do homem, o qual, mesmo facilmente subjugado pela sua força, insistia em tentar retornar ao quarto e impedir sua aproximação da mulher - a mulher que, por algum direito do amor, Robson julgava ser sua (ou a ele destinada). Finalmente, Robson conseguiu expulsar definitivamente o homem do quarto e, já com a porta fechada, voltou-se para a sua amada que, àquela altura (segundo pensava, provavelmente por medo do homem enxotado da sua cama), começou a espernear, recusando os seus carinhos. Foi quando Robson, que já havia sido rejeitado

muitas vezes, mas nunca daquela forma, perdeu a cabeça e, decidido a tê-la de qualquer forma, a ameaçou com uma tesoura achada no topo da penteadeira (ali colocada, segundo pensou, pelo anjo que o levava até ela).

- Cale-se, mulher! Você ainda não sabe, mas você é o meu grande amor. Você será minha de qualquer jeito.

Naquele momento, a gritaria era grande. Gritava ele, querendo a mulher de qualquer forma. Gritava a mulher, recusando o assédio. Gritava o homem enxotado, querendo voltar ao quarto para recobrar a mulher. De tão barulhenta, a gritaria chamou a atenção dos vizinhos, que, também, passaram a gritar, aumentando ainda mais a barulheira.

Sinceramente, Robson nunca soube com certeza o que aconteceu na sequência, pois, alucinado pela cacofonia não percebeu quando, depois de arrombar a porta e voltar ao quarto, o rival o atingiu na cabeça com uma espécie de bastão, tirando-o do ar imediatamente.

Robson só despertou horas mais tarde.

Estava na delegacia de Vila Nunes cercado pela guarnição da polícia militar que, chamada pela vizinhança, invadira a casa e, pouco se lixando para as razões do coração por ele alegadas, o enchera de pancadas e, sem mais nem menos, o prendera em flagrante. Robson já havia sido preso muitas vezes, mas daquela vez era diferente. Sem saber exatamente o que se passava, olhou por entre as raras frestas abertas no bloco monolítico da barreira de

policiais e soldados que se fechava a sua volta e pode ver o casal que prestava queixa contra ele.

Estranhamente, ao contrário da bela mulher por quem estava apaixonado, estava um casal de velhos. Agitada e apontando na sua direção, sem meias palavras, uma velha encarquilhada e curvada pelo tempo (que, soube depois, tinha 89 anos) o chamava de tarado, acusando-o de tentar violentá-la sob a ameaça de uma tesoura. A seu lado, um velho com mais de 90 anos dizia ser o seu marido e, com algum orgulho, se jactava de ter abatido o tarado com uma bengalada.

No dia seguinte - enfurnado numa solitária da Penitenciária de Lorena, já sem a menor chance de voltar a desfrutar uma 'saidinha de fim-de-semana', com o corpo moído e roxo, repleto dos hematomas herdados no encontro da véspera com a

guarnição da polícia na Vila Nunes -, Robson não sabia o que fazer com o amor arrebatador que tomara conta de si. Não sabia se devia tentar esquecê-lo, sepultando-o em alguma camada profunda da sua mente dolorida, ou se deveria cultivá-lo para deixá-lo florescer quando retomasse a liberdade. Não precisava tomar a decisão com pressa, pois teria muito tempo para pensar.

Na realidade, Robson não sabia quanto tempo passaria na solitária nem na penitenciária. De qualquer forma, a eternidade ainda seria insuficiente para ele descobrir o que tinha acontecido com a mulher pela qual se apaixonara. No íntimo, ele tinha certeza de que a dona do vestido estendido no varal não era a velha de 89 anos que tentara iludi-lo.

E, de pensamento em pensamento, decidiu: quando saísse da solitária, voltaria à rotina do cárcere e ao bom comportamento de sempre. Contaria nos dedos os dias que faltavam para ser reenquadrado no programa de reabilitação. Da próxima vez, voltaria à Vila Nunes e só pararia a busca quando encontrasse a verdadeira dona do vestido pelo qual se apaixonara (e, seguramente, não era uma velha de 89 anos).